

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -  
PLAGEDER**

**ESTUDO DAS PRÁTICAS DE CULTIVO E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO GRUPO  
KAINGANG DA ALDEIA TRÊS SOITAS DA RESERVA INDÍGENA DO GUARITA –  
TENENTE PORTELA/RS**

**ADRIANA TERESINHA OWERGOOR GASPARETTO**

**TRÊS PASSOS  
(2013)**

**ESTUDO DAS PRÁTICAS DE CULTIVO E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO GRUPO  
KAINGANG DA ALDEIA TRÊS SOITAS DA RESERVA INDÍGENA DO GUARITA –  
TENENTE PORTELA/RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural .

Orientadora: Prof. Dr. Rumi Regina Kubo  
Coorientadora: Tutora Patricia Binkowski

**ADRIANA TERESINHA OWERGOOR GASPARETTO**

**TRÊS PASSOS  
2013**

**ESTUDO DAS PRÁTICAS DE CULTIVO E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO GRUPO  
KAINGANG DA ALDEIA TRÊS SOITAS DA RESERVA INDÍGENA DO GUARITA –  
TENENTE PORTELA/RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural .

Aprovado com Conceito (\_\_\_\_\_)

---

Prof(a). Dr(a). Rumi Regina Kubo  
Orientador  
UFRGS

---

Prof(a). Gabriela Coelho-de-Souza  
UFRGS

---

Prof(a). Dr(a). Luciano Figueiredo da Silva  
UFRGS

Porto Alegre, julho de 2013.

## RESUMO:

Este trabalho estuda o processo de colonização, trajetória histórica e agrícola dos índios kaingangs da Aldeia Três da Reserva Indígena do Guarita – RS. O estudo mostra a trajetória histórica e agrícola desse grupo que, com o passar dos anos vem demonstrando novas práticas agrícolas em função de mudanças ocorridas com a redução e expropriação de seu território e o processo de transfiguração étnica. O crescente contato com o branco e com o mundo globalizado trouxe algumas mudanças para este grupo, partindo deste pressuposto foram analisada a sua trajetória história e suas práticas agrícolas ressignificadas ao longo do tempo, a partir da interlocução e realização de entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade. Os sistemas produtivos dos Kaingang se baseiam, sobretudo, no cultivo de milho, feijão, moranga, mandioca e batata-doce, e alguns plantam soja, bem como na criação de animais de pequeno porte. Os cultivos de milho e feijão são os de maior importância comercial. Através da análise das entrevistas percebe-se que os kaingangs vêm encontrando crescentes dificuldades para subsistir em função da pressão exercida pelas monoculturas da soja, trigo e milho comercial – que, historicamente, estão presentes no território indígena por meio do arrendamento realizado por não-índios.

**PALAVRAS-CHAVES:** Índio Kaingangs, Trajetória Histórica e Práticas Agrícolas.

## ABSTRACT

This work studies the process of colonization, historical trajectory and Indian agricultural village kaingangs Tres Soitas Indigenous Reserve of Guarita-RS. The study shows the historical trajectory and farming over the years has been demonstrating new agricultural practices. These changes have relations with the reduction and expropriation of their land and the ethnic transfiguration. process His contact with white and with the globalized world has brought some changes to this group, based on this assumption was analyzed his history and its agricultural practices re-signified over time. The productive systems of the Kaingang people are based mainly in the cultivation of corn, beans, squash, cassava and sweet potatoes, and some plant soybeans, as well as in the creation of small animals. Corn and bean crops are the most important. Through the analysis of the interviews, the study shows the difficulty to survive, related with the pressure from monocultures of soy, wheat and corn sales-which, historically present in the Indian territory.

Keywords: Indian Kaingangs, Rio Grande do Sul, historical trajectory and agricultural practices.

LISTA DE FIGURAS:

**Figura 1:**Contorno da Terra Indígena do Guarita - RS – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS. Fonte: (ISA).....17

**Figura 2:** Vista da lavoura no interior da aldeia Três Soitas – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS. Fonte: Acervo da pesquisa, 23 de abril de 2013.....23

**Figura 3:** Vista de uma pequena horta na casa do Entrevistado 4 – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS. Fonte: Acervo da pesquisa, 23 de abril de 2013.....24

**Figura 4:** Vista da casa Entrevistado 4, no interior da aldeia – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS. Fonte: Acervo da pesquisa, 23 de abril de 2013.....25

LISTA DE SIGLAS:

AGROPLANTA – Empresa Cerealista de Tenente Portela/RS

COPERFAMILIAR – Cooperativa Agropecuária dos Agricultores de Tenente Portela

COMIN – Conselho de Missão entre índios

CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

COTRIJUÍ – Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda

EMATER/ RS – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio Grande do Sul

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

GEOP/UNIJUÍ – Laboratório de Geoprocessamento da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/RS

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

TI – Terra Indígena

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Sumário

<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 – REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>12</b>
2- 1 ASPECTOS SOBRE A CULTURA KINGANG E ETNODESENVOLVIMENTO.....	13
2. 2 – A AGRICULTURA.....	15
<b>3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>17</b>
<b>4 – A ALDEIA TRÊS SOITAS</b> .....	<b>19</b>
4.1 - A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS KAINGANG DA RESERVA INDÍGENA DO GUARITA/RS A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS KAINGANG DA RESERVA INDÍGENA DO GUARITA/RS.....	19
4.2 – ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	21
4.3 –ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO .....	22
4.4 –ASPECTOS SOCIOECONOMICOS .....	27
4.4.1 - ARTESANATO.....	28
4.5 –OS SISTEMAS DE CULTIVOS EXISTENTE NA ALDEIA TRÊS SOITAS RESERVA INDÍGENA DO GUARITA/RS.....	29
4.6 –AS POLÍTICAS PÚBLICAS E PROGRAMAS DE INCENTIVOS .....	32
4.6.1 – CESTA BÁSICA.....	32
4.6.2 – PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA .....	33
4.6.3 – PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO .....	33
<b>5 – CONCLUSÕES</b> .....	<b>35</b>
<b>6 - REFERÊNCIA</b> .....	<b>36</b>
<b>7 - APENDICES</b> .....	<b>39</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

O Brasil tem uma extensão territorial de 8.511.965 Km<sup>2</sup>. As Terras indígenas (TI's) somam 628 áreas, ocupando uma extensão total de 106.767.349 hectares (1.067.695 km<sup>2</sup>). A maior parte dessas áreas de reservas está concentrada na Amazônia Legal: são 405 áreas, 103.483.167 hectares, o que representa 20,67% do território amazônico e 98,61% da extensão de todas as TI's do país. O restante, 1,39% espalha-se pelas regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Estado do Mato Grosso do Sul<sup>1</sup>.

Os Kaingang, em termos demográficos correspondem a segunda maior população indígena brasileira, contam com 38 TI's e que em conjunto não somam 30 mil hectares (ISA 2004 *apud* FREITAS, 2005, p.14).

A Reserva Indígena do Guarita situa-se na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul e se estende desde os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco, esta possui 23.406 há e 5.210 habitantes, segundo FUNASA (2009) *apud* ISA (2010). Segundo dados do Laboratório de Geoprocessamento e Análise Territorial da Unijuí (GEOP/UNIJUI) essa área, possui cobertura de mata primária de 51,18%, mata secundária 20,52%, capoeira 18,17%, uso agrícola 8,59% e solo exposto 1,54% (SOMPRÉ, 2007, p.27).

A comunidade do Guarita é a mais populosa de todas as comunidades Kaingangs. Conforme FUNAI (2006) *apud* SOMPRÉ (2007, p. 27). o seu contingente populacional é de 1150 famílias aproximadamente (FUNAI, 2006), estas distribuídas em oito setores (Missão; 190 famílias; Estiva: 121 famílias; São João do Irapuá: 184 famílias; Bananeiras: 87 famílias; Pau Escrito: 79 famílias; Km 10: 120 famílias; Três Soitas: 127 famílias e Pedra Lisa: 124 famílias), havendo também a presença de índios Guaranis, com mais ou menos 30 famílias. Na descrição de Menegolla *et al* (2006)

Atualmente a TI da Guarita é habitada por índios da etnia Kaingang (94,2%) em 12 núcleos populacionais (aldeias), e Guarani, todos com acesso por estrada. É limitada por uma rodovia estadual asfaltada e plantações mecanizadas de soja e trigo. A maioria das famílias sobrevive da agricultura familiar de subsistência, venda de artesanato, aposentadoria, trabalhos temporários e raros empregos de funcionários de órgão público (MENEGOLLA, *et al.*, 2006, p. 396).

<sup>1</sup> Conforme consulta ao sitio <http://www.socioambiental.org>, (consulta em 01 de junho de 2013).

Pode-se dizer que essa condição remete a todo o processo de colonização brasileira, em que os grupos indígenas vem sendo afetados desde a sua “descoberta” pelos europeus, acarretando em mudanças drásticas na organização social, política, cultural e espacial destes povos. Essas relações estabelecidas entre colonizadores e indígenas ocasionaram uma grande transformação em seu modo de vida, hábitos e costumes. Ainda houve uma drástica redução e reordenamento de território que provocou muitos confrontos e a extinção de muitos povos indígenas (SOMPRÉ, 2007).

Cabe ressaltar nesse processo a presença jesuíta, responsável pelo processo inicial de catequização dos indígenas, assim como outros desdobramentos da dominação eurocêntrica, resultando em conflitos, aldeamentos, lutas, mortes, que marcam a história indígena no Brasil (SIMONIAN, 1981).

O passar dos anos trouxe muitas mudanças no modo de vida dos índios e na relação com o ambiente e com os recursos naturais, pois com a degradação das matas e dos rios, a caça, a pesca e a coleta diminuíram. Assim passaram a desenvolver novas práticas, também ocorreram importantes mudanças com a invasão das terras indígenas, a não-demarcação de suas terras pelo governo, conflitos locais entre brancos e indígenas, e com isso, reduzindo as terras deste grupo indígena. (BALLIVIÁN *et al*, 2013).

O crescente contato com o branco e com o mundo globalizado trouxe algumas mudanças para este grupo, partindo deste pressuposto faz-se necessário analisar sua trajetória histórica e suas práticas agrícolas ressignificadas ao longo do tempo.

É de grande importância que a sociedade aprenda a valorizar as culturas diferentes, portanto, especificamente neste trabalho, o objetivo é analisar a trajetória histórica e as práticas agrícolas desenvolvidas pelos índios Kaingang, na aldeia Três Soitas, localizada na Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS, que, com o passar dos anos vem demonstrando novas práticas agrícolas em função de mudanças ocorridas por causa do processo de redução e expropriação de seu território e o processo de transfiguração étnica.

Buscou-se compreender todo esse processo de expropriação de seu território, luta pelas suas terras, busca de seus direitos, antigas, novas e atuais prática de cultivos, e constante reconhecimento de sua cultura, na Reserva, mais precisamente na aldeia Três Soitas. A partir desse questionamento pretende-se descrever o histórico deste grupo e como estas mudanças

de cotidiano incorreram em novas práticas. Este objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- a) analisar a trajetória histórica dos índios Kaingangs da Aldeia Três Soitas da Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS.
- b) identificar e descrever as práticas de cultivos existentes na aldeia;
- c) analisar as práticas de cultivo no contexto socioeconômico da aldeia.

Além disso, percebe-se que existe uma carência de estudos na região sobre o tema proposto, razão pela qual, este trabalho, além dos objetivos de identificar os cultivos existentes, poderá contribuir para um maior conhecimento, reconhecimento e valorização da cultura da comunidade indígena Kaingang na região.

## 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo trata de alguns aspectos importantes da cultura dos índios Kaingangs, relacionados aos principais rituais e a cosmologia do grupo, também será discutido a sua relação com o Etnodesenvolvimento, considerando as principais mudanças no modo de vida. Também abordará alguns aspectos das formas das práticas agrícolas dos povos indígenas, segundo algumas pesquisas sobre este assunto.

2.1 – A ETNIA KAINGANGs Kaingang pertencem a família linguística Jê do Tronco Macro-Jê, sendo uma das maiores populações indígenas brasileiras com mais de 20.000 mil pessoas, juntamente com os Xokleng, compõem o grupo de sociedades indígenas Jê meridionais. (SILVA, 2008, p. 189).

Historicamente, antes da denominação Kaingang, esse povo recebeu outros nomes: guayanás, coroados, bugres e botocudos. Kaingang passou a ser utilizado a partir de 1882, introduzido pelo coronel Telêmaco Borba, que dominou e expulsou os índios de suas terras. Segundo Borba, o significado da palavra kaingang é: caa = mato + ingang = morador. (BALLIVIÁN; VENTURA; OLIVEIRA, 2007, p. 6).

A sociedade e natureza, humanos e não-humanos, não representam mundos estanques, completamente separados (VEIGA, 2000). A cosmologia Kaingang compartilha com as cosmologias amazônicas o fato de plantas e animais possuírem espírito (tom, conforme os Kaingang). Descola (1998) *apud* Silva (2008, p. 197) sublinha que essas cosmologias "estabelecem uma diferença de grau, não de natureza, entre os homens, as plantas e os animais".

Todos os seres, objetos e fenômenos naturais são divididos em duas categorias cosmológicas, uma ligada ao gêmeo ancestral *Kamé*, e a outra vinculada ao gêmeo ancestral *Kainru*. Principalmente, as metades são percebidas pelos *Kaingang* como cosmológicas, estando igualmente ligadas aos gêmeos civilizadores, os quais emprestam seus nomes a elas. (SILVA, 2002, p. 191)

Desta forma, nas sociedades indígenas, "homens e animais participam da construção do cosmos", que "inclui tanto a sociedade como a natureza que interagem

constantemente" e que "se inter-relaciona através de um processo contínuo de reciprocidade" (GIANNINI, 1994, p. 145).

Para o dualismo Kaingang, a "natureza" – plantas, bichos, seres inanimados – passa a ser vista de uma forma dividida, dual, exatamente como acontece na sociedade: de um lado, plantas, bichos e seres inanimados kamé; de outro, plantas, bichos e seres inanimados kainru-kré. (SILVA, 2008, p.197)

O fogo está sempre presente no momento da obtenção dos poderes vindos da natureza: a erva queimada, a fumaça do remédio do mato, a erva usada em pó, depois de queimada, o carvão da samambainha e do pinheiro para a pintura corporal no kiki<sup>2</sup>. O fogo parece ser o elemento social que ativa, potencializa e domestica o remédio que vem do mato. (SILVA, 2008).

## 2.2 – ASPECTOS SOBRE A CULTURA KAINGANG E ETNODESENVOLVIMENTO

Ao falarmos dos Kaingang como uma população tradicional, nos remetemos a sua condição de um povo que transmite sua cultura e seu modo de vida, através da oralidade das práticas cotidianas (SOMPRÉ, 2007, p. 23).

O processo de colonização e o contato do branco com o índio trouxe muitas mudanças no modo de viver dos índios e da relação com o ambiente e os recursos naturais, pois com a degradação das matas e dos rios, a caça, a pesca e a coleta diminuíram, sendo que as práticas agrícolas adquirem maior relevância para sustentar a família.

Darcy Ribeiro (1977), através de inúmeras visitas a campo, em seu trabalho como etnólogo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), fala do processo de transfiguração étnica, que, seria o “processo pelo qual os povos se fazem e se transformam ou mesmo se desfazem” (RIBEIRO, 1977, *apud* ATHIAS, 2007, p. 101), recusando as explicações baseadas nas noções de assimilação ou aculturação. O autor tinha uma preocupação com o destino dessas populações indígenas, baseada em uma teoria que considerava a cultura composta por traços que poderiam ser perdidos, essa corrente denunciava e buscava investigar a assimilação do índio e sua transformação em trabalhador rural. Porém partindo-se do pressuposto de que, as

---

<sup>2</sup> Ritual de celebração dos mortos, para liberação do morto para outras dimensões não humanas (ROSA, 1998)

questões sociais e culturais não se remetem apenas às tradições, inclui-se a possibilidade de mudança.

Segundo CUNHA (1986):

Um grupo étnico irá exibir os traços culturais conforme sua situação social e ecológica que se encontra, adaptando-se as condições naturais e oportunidade sociais que provêm de interações com outros grupos, sem, no entanto, perder com isso sua identidade própria. (CUNHA, 1986 p. 115)

Pode-se definir etnodesenvolvimento, segundo Stavenhagen (1985), como desenvolvimento que mantem o diferencial sociocultural de uma sociedade, ou seja, sua etnicidade. Assim, pode-se perceber o modo de vida atual dos índios da Reserva Indígena da Guarita, onde muitos vivem como o branco, de caça jeans e camiseta, muitos fazendo faculdade, trabalhando fora da aldeia, isso fruto de um processo de transfiguração étnica. Estes fatores não devem ser vistos como um ponto negativo para a cultura indígena. A mudança deve ser entendida como um meio de reprodução social, sendo uma parte da sua história e não significando necessariamente que perderam sua cultura, apenas buscam se adaptar às condições que lhe são oferecidas no momento atual. Através do contato com outros grupos sociais eles estão reafirmando e estabelecendo sua identidade cultural.

Ferraz (1997, p.31) define mais claramente a questão de etnodesenvolvimento no contexto das sociedades indígenas: “o desafio permanente consiste em se reproduzirem como sociedades etnicamente diferenciadas e lidar, ao mesmo tempo, com condições materiais de existência cada vez mais adversas e multifacetadas”. Nesse sentido,

Voltar-se para a cultura indígena é muito mais do que apreciar objetos, narrar experiências ou colecionar sons e imagens singulares. Refletir sobre a realidade indígena atual, além de contribuir para a relativização de nossa própria experiência histórica e social, implica reconhecer que a cultura indígena é também uma reelaboração de um processo político do qual somos parte integrante. (Fernandes, 1998, p. 3).

Para os índios, o novo traz ao grupo novas visões, novas formas de vida, que não acabam com este grupo, mas sim, mantêm sua diferença, pela maneira particular que o grupo possui que não está sendo esquecida, mas sim sendo reelaborada nas condições em que vivem atualmente.

### 2.3 – A AGRICULTURA

A agricultura é um processo iniciado há mais de 10 mil anos; este é marcado por particularidades sociais que deram origem a diferentes formas de agricultura, sendo de fundamental importância à compreensão das diferentes realidades e formas de produção, principalmente quando falamos da agricultura praticada pelos povos indígenas. Assim,

Evidencia-se que a compreensão das dinâmicas agrícolas e agrárias passa, necessariamente, por um conhecimento aprofundado e sistemático do processo evolutivo e do contexto histórico onde operam e se articulam as sociedades agrárias. Nesse sentido, a compreensão do processo de formação de uma agricultura exige uma considerável apreensão das particularidades relacionadas a seus aspectos intrínsecos ou internos (condicionantes ambientais, estrutura social, mercado, conhecimento técnico, etc.) e externos (economia nacional, sistema político, relações de troca, inserção internacional, etc.) (MIGUEL, 2006, p. 3).

Noelli (1996) destacando a agricultura praticada pelos povos indígenas antes da chegada dos Europeus comenta que a antiguidade da agricultura entre os povos indígenas é um assunto pouco conhecido. Alguns autores relatam sobre as práticas agrícolas dos índios Kaingang como afirma BALLIVIÁN *et al* (2013, p. 6) sendo originalmente “uma atividade incipiente e complementar; não exercendo o papel fundamental verificado nos dias de hoje”. Ao nível da pesquisa científica da agricultura dos Jê, Karl Schwerin (1970) *apud* Noelli (1996, p. 13) relata que: “a classificação como agricultores “incipientes” é inapropriada”.

Devemos ter cuidado ao analisar as fontes etno-históricas e etnográficas, para não vermos os Jê de uma forma simplificada. Os resultados arqueológicos, arqueobiológicos e linguísticos vem demonstrando que a descrição histórica não representava a subsistência pré-histórica de certos grupos, alterada pelo contato com o europeu (ROOSEVELT, 1989, 1991 *apud* NOELLI, 1996, p.13).

As informações arqueológicas e históricas revelam que os Jê praticavam agricultura, mas, devido a falta de pesquisas aprofundadas, não sabemos quais os percentuais de cada item cultivado. Essa questão é tratada com pouca profundidade, principalmente quando falamos em plantas alimentícias (NOELLI, 1996, p. 14).

Entre os vestígios arqueológicos dos ascendentes do Jê do sul, encontram-se vários artefatos cerâmicos e líticos ligados ao processamento de alimentos, esses artefatos poderiam ser empregados tanto para preparar vegetais coletados como cultivados, assim

dificultando uma análise que seja favorável a verificar as práticas de agricultura utilizadas por estes povos.

A etnobotânica<sup>3</sup> vem demonstrando que não existiam apenas os cultivos em roças, mas diversos nichos e com uma grande variedade de plantas, que são encontradas em grande volume na região dos Jê no sul, possivelmente estas, cultivadas pelo homem. Sendo este um exemplo que poderia corroborar com a ideia de que os Jê do Sul não ficavam a mercê das ofertas da natureza, mas multiplicando e modificando espécies vegetais que era de seu interesse (NOELLI, 1996, p. 22).

Nestas extrapolações, cabe explicitar que,

A agricultura dos Kaingangs e aquela dos Jê tem poucas coisas em comum, apenas que em todas elas eram utilizadas estacas para furar o solo. Uma assimilação entre a agricultura dos Kaingangs e das modernas civilizações está fora de questão, por que não há motivo plausível para tal, mesmo assim devemos ver esses indígenas, historicamente como agricultores (KÜHNE, 1979, *apud* NOELLI, 1996, p. 15).

A dispersão destes povos, segundo Noelli (1996) pode ser justificada pelo fato de poder servir para irem a locais antigos de manejo, pois muitas plantas só davam frutos muitos anos após seu cultivo. Isso também pode estar ligado ao ciclo fenológico de espécie de vegetais, da circulação da caça e migração das aves. Através destes estudos, podemos perceber que o manejo de sistemas de cultivos existia muito antes da vinda dos europeus para o Brasil, sendo que estas práticas foram mudando de acordo com a redução de seu território e também com o crescente contato com a cultura do branco.

---

<sup>3</sup> Definido como “a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal”. (AMOROZO, 1996, p.47 *apud* PORSCH, 2011, p. 14).

### 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é exploratória, o qual segundo DOXSEY & DE RIZ, (2002-2003, p 25), “busca uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito”.

Para a realização da pesquisa foram adotados os procedimentos de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. A realização da pesquisa bibliográfica deu-se pela a) busca de livros e trabalhos científicos em bibliotecas, acervos particulares e buscas eletrônicas e, b) consulta a dados secundários sobre a comunidade Kaingang e da Reserva Indígena do Guarita/RS.

O local da pesquisa de campo foi a aldeia Três Soitas - uma das oito aldeias que constitui a Reserva Indígena do Guarita, que possui aproximadamente 127 famílias.



**Figura 1:**Contorno da Terra Indígena do Guarita - RS  
Fonte: (ISA)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Instituto Socio-Ambiental – Terra Indígena do Guarita. Disponível em: < <http://ti.socioambiental.org/#!/terras-indigenas/3680>> Acesso em: 04 de agosto de 2013.

Foram entrevistadas cinco famílias e a cada entrevista foi realizada uma visita a cada unidade familiar com a anotação escrita por parte do pesquisador das respostas, e quando possível a com gravação, para posterior transcrição de dados. Após cada entrevista elaborou-se um diário de campo com dados considerados importantes e com as percepções do pesquisador. O período de realização das entrevistas se deu de 06 a 23 de abril de 2013.

A técnica utilizada foi a entrevista ancorado em um roteiro semi-estruturado (apêndice 1), caracterizando-se por uma abordagem de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31) “... não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social...”. O roteiro buscou propiciar ao entrevistado, na medida do possível, uma liberdade para dar respostas na direção que considere adequada. A sequência das perguntas se deu conforme o andamento do diálogo, muitas delas, não sendo respondidas. Em todas as entrevistas apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 2) o qual foi assinado pelos entrevistados, permitindo apresentar informações e dados neste trabalho.

O nome dos entrevistados não foram divulgados nesta pesquisa, sendo considerados como: entrevistado 1, entrevistado 2 e assim por diante, considerando em ordem numérica de entrevista.

## 4 – A ALDEIA TRÊS SOITAS

### 4.1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS KAINGANG DA RESERVA INDÍGENA DO GUARITA/RS

A demarcação do território do Guarita ocorreu em 1918, situa-se no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Em cumprimento ao disposto da Constituição Federal de 1988, a área do Guarita foi homologada pelo Presidente da República em 1991. (FUNAI, 2006 *apud* MATTE, 2005).

O aldeamento da TI da Guarita foi criado em 1854, havendo desde então pressão da sociedade envolvente sobre o modo tradicional de vida indígena e seu meio ambiente. A delimitação de quase 24 mil hectares de território atual em 1911 e sua demarcação em 1918 ocorreu quando as demais terras da região, tradicionalmente ocupadas pelos índios para caça e coleta, foram liberadas para empresas de colonização. A partir da década de 40, empresas madeireiras desmataram a região e as terras posteriormente foram utilizadas para a agricultura extensiva, prática que se estendeu a área demarcada (MENEGOLLA, *et al.*, 2006, p. 396).

Em 1941 o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) intensificou as políticas de desenvolvimento, que tinham o objetivo de utilização do território indígena para implantar a produção de acordo com a economia regional, práticas produtivas essas que não estavam de acordo com a cultura e o modo de vida dos índios. Resultando com isso na implementação de políticas que ignoravam totalmente os costumes e as práticas desenvolvidas por esses grupos, ao mesmo tempo em que se intensificou a degradação da mata, a retirada de madeira, com tentativas de exploração e dominação do território indígena.

As terras da reserva Indígena do Guarita eram alvo de cobiça pelos moradores da região, por apresentarem terra fértil e plana, inclusive para a exploração da madeira ali existente, buscavam também o arrendamento das terras para fins agropastoris. O arrendamento das Terras da Guarita foi aumentando progressivamente após o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, assumir a administração, em 1941 (SIMONIAN, 1980).

Através de denúncia de corrupção e outras irregularidades o SPI encerrou suas atividades e foi substituído pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, em 1967. A Funai pretendia tornar as terras indígenas rentáveis, visando a emancipação econômica das

comunidades, levando a implementar projetos de desenvolvimento contrário aos interesses indígenas<sup>5</sup>.

Hoje, encontramos a comunidade Kaingang na Reserva indígena da Guarita em contato com outras etnias, assim percebe-se que seu modo de vida se recriou de acordo com as condições que foram estabelecidas, adaptando-se aos dias atuais, onde continuam sua luta pelos seus direitos e buscam a sobrevivência e preservação da reserva.

A principal mudança ocorrida na cultura dos índios Kaingangs, especificamente da Aldeia Três Soitas, relatado por todos os entrevistados, é o uso de “venenos” nas plantações: *“Antigamente nós não precisava colocar adubo para plantar, a terra era boa, hoje se não colocar adubo, não cresce”*, relata o Entrevistado 3, que explica as consequências da utilização de agroquímicos, causando contaminação do rios, do solo e prejudicando a natureza. Também afirma que: *“terminou o serviço por causa dos venenos”*, referindo-se a muitas famílias que abandonaram as plantações e venderam suas terras para índios com melhores condições, pois não possuíam condições para plantar: *“é difícil comprar implementos”*, relata.

As relações dos índios com o branco estão bem presentes na aldeia Três Soitas, e percebemos que há uma crescente relação de matrimônio de brancos (não-indígenas) com índios, vindo estes a morar na aldeia e utilizarem-se das terras para desenvolver atividades agrícolas. Essas situações somadas a outras formas de parcerias entre índios e não índios podem ter sido uma das vias para a inserção de práticas de cultivo não tradicionais ao modo de vida indígena, como os monocultivos de soja, milho e trigo. Muitas vezes essa “parceria” parece não ser justa com os índios, mas na perspectiva destes indígenas, eles mostram-se gratos por terem ganhos provenientes das lavouras, podendo com isso garantir o sustento da família.

Uma questão que transparece nas entrevistas é a centralidade na preocupação com ter o que comer hoje, não se preocupando com o dinheiro (seja para comprar roupas ou livros para seus filhos), também não possuem grande preocupação em trabalhar para ganhar “mais dinheiro” e acumular excedentes. O trabalho na maioria dos entrevistados não ocupa grande

---

<sup>5</sup> Com a vigência do Estatuto do Índio, Lei nº 6001 de 1973, a prática de arrendamento de terras foi proibida. (TEDESCO e MARCON, 1994 *apud* SOMPRÉ, 2007, p. 27 -28).

parte do seu dia com o trabalho, conforme concebido pelo branco. O que remete ao que Clastres (1978), já ressaltava em relação aos indígenas:

A ideia de economia de subsistência contém em si mesma a afirmação de que, se as sociedades primitivas não produzem excedentes, é porque são incapazes de fazê-lo, inteiramente ocupadas que estariam em produzir o mínimo necessário à sobrevivência, à subsistência. Imagem antiga, sempre eficaz, da miséria dos selvagens. E, a fim de explicar essa incapacidade das sociedades primitivas de sair da estagnação de viver o dia-a-dia, dessa alienação permanente na busca de alimentos, invocam-se o subequipamento técnico, a inferioridade tecnológica. [...] Os índios, efetivamente, só dedicavam pouco tempo àquilo a que damos o nome de trabalho. E apesar disso não morriam de fome. As crônicas da época são unânimes em descrever a bela aparência dos adultos, a boa saúde das numerosas crianças, a abundância e variedade dos recursos alimentares. Por conseguinte, a economia de subsistência das tribos indígenas não implicava de forma alguma a angustiada busca, em tempo integral, de alimento (CLASTRES, 1978, p. 4 - 6).

Pierre Clastres (1978) comenta sobre comunidades indígenas da Amazônia, os índios Yanomani, e fala sobre a ausência de acúmulo de excedentes no mundo primitivo, referindo-se a organização econômica da sociedade e sobre economia de subsistência:

Por que razão os homens desta sociedade queriam trabalhar e produzir mais, quando três a quatro horas de atividades são suficientes para garantir a necessidade do grupo? De que lhes serviria isso? Qual seria a utilidade dos excedentes? É sempre pela força que os homens trabalham além das suas necessidades. É exatamente esta força que está ausente no mundo primitivo: a ausência dessa força externa define inclusive natureza das sociedades primitivas (CLASTRES, 1978, p.8).

O pensamento da maioria dos indígenas na aldeia continua sendo uma relação sem apego aos bens materiais e excedentes, eles trabalham para ter o que comer e a venda de seus alimentos ajudam nas despesas e manutenção familiar.

#### 4.2 – ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Os índios possuem leis internas e tem autonomia para sanar os problemas dentro da reserva. A reserva do Guarita está dividida em setores, e cada setor que também é chamado de aldeia. Cada aldeia possui um capitão, sendo esses subordinados ao cacique que é o responsável por toda a Reserva. O cacique conta com o apoio das lideranças, sendo

estas ,pessoas convidadas por ele próprio a ajudar na administração, possui como função resolver problemas internos e manter a ordem dentro da reserva. Ele é a autoridade máxima, os moradores da reserva veem o cacique com muito respeito. Quando ocorre algum desentendimento entre famílias ou entre casais, o cacique, através do diálogo, busca resolvê-lo. Em algumas situações são aplicadas punições a quem ele julga causar desordem e transtornos na comunidade.

Todas as segundas-feiras, os capitães se reúnem juntamente com o cacique para discutir eventuais problemas e discutir assuntos de seus interesses. Outro papel importante que o cacique possui é o de representar a comunidade perante as autoridades fora da reserva, bem como solicitar recursos para a Reserva que atendam as necessidades da maioria.

A Funai<sup>6</sup> não interfere na organização social da reserva, sendo os membros da reserva autônomos nas hierarquias que ali existem. “*A FUNAI ajuda pouco*” relata o entrevistado 1, demonstrando certa insatisfação com a Fundação, não percebendo de forma concreta a atuação desta instituição para a reserva.

#### 4.3 - ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

A distribuição das casas na aldeia Três Soitas se dá através da ocupação da área no entorno das sedes comunitárias com a escola e locais ao longo da Rodovia, isto se deve ao fato de buscarem melhores condições como acesso a energia elétrica, acesso ao transporte e escolas, sendo mais fácil também para se deslocarem para a cidade.

Os índios que possuem maiores quantidades de terras moram no interior da aldeia, onde possuem ao lado de sua casa sua lavoura para desenvolver seus sistemas de cultivos. Podemos observar ao entorno das casas dos índios pequenas lavouras onde são rodeadas por capoeiras, que nascem espontaneamente, não sendo arrancadas para limpar as plantações, também se observa grandes plantações de monoculturas dentro da reserva.

---

<sup>6</sup>A FUNAI – Fundação Nacional do Índio criada em criada em 1967, onde veio substituir o SPI – Serviço de Proteção ao Índio, seu objetivo é o de firmar convênios com municípios para ressarcir gastos com saúde, educação e transporte de populações indígenas, implementar políticas públicas direcionadas aos indígenas; supervisionar atividades desenvolvidas por órgãos públicos para garantir direitos desses povos. A lei atual (5.371/67) determina, de forma mais geral, que a Funai deve estabelecer diretrizes e garantir o cumprimento da política indigenista, baseada em princípios como o respeito à pessoa do índio (AGENCIA CAMARA, 2009).



**Figura 2:** Vista da lavoura no interior da aldeia Três Soitas – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS.

Fonte: Acervo da pesquisa, 23 de abril de 2013.

O entrevistado 4 possui uma pequena horta (fig. 3), onde cultiva verduras para o consumo da família, entre elas está o repolho, alface e raditi. Os pequenos animais como porcos e galinhas ficam soltos na propriedade, razão pela qual há o cercamento, principalmente para as galinhas, não comerem as verduras.



**Figura 3:** Vista de uma pequena horta na casa do Entrevistado 4, no interior da aldeia Três Soitas – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS.

Fonte: Acervo da pesquisa, 23 de abril de 2013.

A circulação pelos territórios era marca do *modus vivendi* desses indígenas, caracterizados por um semi-nomadismo (VEIGA, 2000, p. 37). Viviam em grandes espaços, podendo se deslocar facilmente de acordo com suas necessidades:

Hoje em consequência do processo de redução de seu território, seu espaço é restrito a seu pedaço de terra que possuem na Reserva, desenvolvendo nela o sustento da família. Cada família possui um espaço de terra, onde trabalham individualmente, os membros da mesma família se ajudam muitas vezes nos cultivos, mas não há mais o trabalho coletivo: “*Antigamente as famílias se ajudavam entre si, hoje é cada um por si, isso mudou muito em nossa cultura*”, relata o Entrevistado 3, demonstrando certa amargura pela mudança ocorrida em seu grupo. O trabalho coletivo de antigamente era desenvolvido para cultivar as roças e algumas famílias se uniam para plantar alimentos para seu consumo. Geralmente eram os homens da família que mais trabalhavam e as atividades executadas eram as de roçar a terra, preparando-a para o plantio e a destruição das sementes. Após a colheita, os alimentos

eram distribuídos entre as famílias. Segundo informações obtidas através das entrevistas, isso não acontece mais, as famílias trabalham cada uma por conta própria, o que existe ainda é o trabalho entre as famílias com o mesmo grau de parentesco, isto é, a família dos pais trabalham juntamente com a família dos filhos.



**Figura 4:** Vista da casa Entrevistado 4, no interior da aldeia Três Soitas – Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS.

Fonte: Acervo da pesquisa, 23 de abril de 2013.

A distribuição das terras na aldeia Três Soitas não é igualitária, o Entrevistado 1 quando questionado sobre este assunto respondeu: *“Quem pode mais chora menos”*. Ainda existem na aldeia famílias que não possuem nenhum pedaço de terra para plantar, apenas o lote que fica restrito a sua casa, estas famílias vivem de programas governamentais como Bolsa-Família<sup>7</sup>. Estas venderam a posse de suas terras para os próprios índios que possuíam

---

<sup>7</sup>O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos

mais recursos, com o dinheiro melhoraram sua casa, mas como consequência ficaram sem poder produzir alimentos. Segundo o Entrevistado 1 o tamanho dos lotes das famílias variam entre 1 a 30 hectares de terra, sendo que a maioria possui de 2 a 3 hectares. *“O índio significa um pequeno agricultor, as terras estão tomadas, o nosso grande problema está na nossa liderança, terra da reserva não se vende, onde que se viu a nossa comunidade tá que nem a comunidade lá de fora, muitos agricultor tiveram que ir embora”*, ressalta o Entrevistado 1 demonstrando descontentamento pelas desigualdades vivenciadas na Aldeia.

“...a terra pertence a Deus, e o homem pertence a terra, e a terra nunca vai pertencer ao homem por que o homem é pó da terra...não existe isso que a terra é minha...por que que nós vamos negar o direito do nosso ser humano ter uma pedacinho para ele produzir para sobreviver...(Entrevistado 1).

As famílias que possuem de 2 a 3 hectares utilizam a terra para desenvolver cultivos - melhor descritos no item a seguir - os quais se destinam para seu consumo e para vender informalmente nas casas no município de Tenente Portela/RS, próximo a aldeia. Os indígenas com maior quantidade de terras vendem sua produção para a Cooperativa de Agricultores Familiares de Tenente Portela/RS (COOPER FAMILIAR). Alguns possuem um sistema de parcerias, não possuindo estrutura suficiente para desenvolver grandes plantações, bem como recursos para investimentos, sendo que esta parceria geralmente se dá com o “branco”. Nesse sistema os índios emprestam sua terra para o branco plantar, principalmente para cultivo de soja, uma vez que geralmente os indígenas não possuem estrutura suficiente para este tipo de sistema de cultivo monocultural e em grande escala, e também dificuldades em conseguir financiamentos junto a instituições financeiras. O termo arrendamento não é utilizado por eles e sim “prestação de serviços” ou “parcerias”<sup>8</sup>.

Nota-se nas falas dos indígenas que eles utilizam o termo “patrão” que se referem ao branco, muitas vezes prestando serviço a eles. Cabe ressaltar que, através das entrevistas, percebe-se como o grupo demonstra que uma forma diferenciada de encarar todos esses fatos, mais do que a preocupação com o trabalho e os bens materiais ou o de acumular capital, para esse povo mais vale a relação que possuem com a família, a alegria de viver está na simplicidade de suas casas, em sua humildade e a relação de amizade entre os moradores na

---

([www.mds.gov.br/bolsafamilia](http://www.mds.gov.br/bolsafamilia), acesso em 02 de junho de 2013).

<sup>8</sup> Este é um assunto muito delicado que não foi possível desenvolver nas entrevistas a fim de obter informações detalhadas sobre este assunto, razão pela qual optamos também não aprofundar para este trabalho, dada as próprias interdições sobre o assunto.

aldeia Apesar de muitas famílias viverem em situações precárias, sempre possuem um sorriso no rosto.

#### 4.4 - ASPECTOS SOCIO-ECONÔMICOS

A maioria das famílias Kaingangs vive em situações financeiras precárias, sendo o seu trabalho pouco reconhecido e valorizado, e dependendo muitas vezes de pequenos projetos de desenvolvimento de órgãos do governo para plantio de milho, criação de animais como porco, galinha, gado e peixes, que fornecem recursos para investirem na comunidade.

A principal fonte de renda da aldeia vem da agricultura, depois se destaca o artesanato, trabalhos temporários prestados fora da Reserva, como exemplo, na colheita de maçãs nas cidades da Serra Gaúcha, na empresa Mais Frango na Cidade de Miraguaí e na Seara em Itapiranga/SC (PÖRSCH, 2011.).

Atualmente as questões relativas à segurança alimentar são tratadas pelo Conselho de Segurança Alimentar (Consea) que distribui cesta básica para as famílias. Sobre essa forma parcial de resolução desta questão, cabe salientar que a busca de soluções para os problemas, deveriam ser buscadas a partir de políticas governamentais integradas, mas estas não ocorrem de maneira efetiva. No campo das atividades produtivas o governo deveria definir, com a participação indígena, uma política de segurança alimentar e de atividades autossustentáveis (LIEBGOTT, 2011, p.304).

A questão da preocupação com a geração de renda para a Aldeia é destacada em algumas entrevistas, em que os indígenas sentem a necessidade de se ter sustentabilidade econômica, na própria aldeia, evitando assim a saída de índios da reserva em busca de empregos e melhores condições de vida.

A Reserva Indígena da Guarita, especificamente a comunidade de Três Soitas participa do Programa Guardiões da Agrobiodiversidade, com o grupo Indígena Fag Pen Pir, que trabalham com Milho Catetinho e Cunha, beneficiando algumas famílias que fazem parte do Programa. Este é um programa não somente dos indígenas, mas também de agricultores familiares, assumido pelo poder público municipal para contribuir para a preservação da agrobiodiversidade local, em especial agrícola, contribuindo também para o fortalecimento da produção de alimentos saudáveis, segurança e soberania alimentar e autonomia das famílias (Revista Guardiões da Agrobiodiversidade, 2010).

#### 4.4.1 ARTESANATO

Um das atividades que contribui para a geração de renda para várias famílias da Aldeia Três Soitas é o artesanato. Além de seus trabalhos serem utilizados em atividades domésticas, como no caso dos balaios, tanto no transporte como armazenamento de alimentos quanto para enfeites, contribuem para a demonstração da diversidade de manifestações artísticas no Brasil expressando a identidade cultural dos povos indígenas. São produzidos balaios de todos os tipos e tamanhos, cestos para enfeite e arranjos com galhos de árvores, todos produzidos de forma manual. É uma atividade importante para eles, pois significa a sua cultura, sendo de caráter familiar, realizando todas as etapas da produção, desde a coleta da matéria-prima até seu acabamento final, destacando neste trabalho, habilidades manuais e o saber tradicional passado de pais para filhos.

A aldeia possui 3 grupos de artesãos, contando com 9 a 10 famílias que produzem artesanato, geralmente eles se reúnem para desenvolver projetos que beneficiem com equipamentos e insumos para o preparo do artesanato.

Geralmente os cestos são vendidos na cidade de Tenente Portela, muitas vezes em troca de roupas e calçados, além de comercializarem na região, muitos se deslocam para outros municípios como Santa Maria, Ijuí, Santo Ângelo, para aumentar suas vendas, muitas vezes em períodos que antecedem a Páscoa e o Natal onde a venda é mais intensa. A venda não dá para as famílias sobreviverem somente da rentabilidade desta atividade:

O artesanato é da cultura indígena, mas dentro da guarita tem 7.200 índios se cada um faz uma peneira para ganhar alimento durante o dia, qual é empresa que vai comprar 7.200 peneiras pra alimentar esse público, nós precisamos ter geração de alimento, e terra tem e tudo que nós se alimentar dá na terra, precisamos de apoio...Artesanato em alguns lugares é difícil matéria prima, quem precisa tem ir buscar em outro lugar taquara, por que aqui tudo é uma monocultura só...(Entrevistado 1).

A principal dificuldade encontrada é a escassez da matéria-prima, que requer o deslocamento a outras comunidades para conseguir taquara e cipós. Este problema resulta da intensificação dos sistemas de plantio na Reserva e monoculturas existentes nos dias atuais, conforme colocado pelo Entrevistado 1, é percebido também a necessidade de outra atividade que gere maior renda para as famílias, pois os artesanatos não são valorizados.

#### 4.5 – OS SISTEMAS DE CULTIVOS EXISTENTES NA ALDEIA TRÊS SOITAS – RESERVA INDÍGENA DO GUARITA/RS

O agravamento dos problemas ambientais, como a erosão dos solos, a crescente contaminação dos recursos hídricos, dos alimentos, do homem e dos animais, forçaram à discussão, em âmbito mundial, de novos parâmetros para se pensar o desenvolvimento e novas formas de se produzir no campo.

O branco com a função de civilizar os índios, objetivando a expansão agrícola, impôs o seu modelo. A esse modelo imposto foi definido:

A opção colonizadora, por sua vez, atua quase somente por coação, empurrando o índio de seu território e conseqüentemente reduzindo seu espaço vital com todas as modificações advindas dessa nova situação. Outras vezes, a ação colonizadora se expressa nos aldeamentos pela tentativa governamental de tirar os coroados<sup>9</sup> do mato. (BECKER, 1975, p. 65)

Este modelo acabou de certa maneira, com a capacidade produtiva e autônoma para subsistência dos índios, mas nos dias de hoje, ainda existem atividades praticadas na Reserva Indígena para seu sustento. Durante o processo de colonização foram feitas tentativas de mudar o seu modo de subsistência, mas pode-se perceber que eles têm uma maneira diferente de lidar com o trabalho e seus métodos.

Os modos de produção dos índios são resultados de uma série de fatores que veem em processo de mudança com o passar do tempo: não são mais os mesmo métodos de muitos anos atrás.

A economia do grupo era baseada na colheita, especialmente de pinhão, do que faziam provisão, e na caça que lhes era garantida no território de caça, considerado propriedade coletiva para cada grupo; praticavam também uma agricultura incipiente. Seu regime alimentar constava de carne de caça e peixe, de mel e frutas silvestres, abóbora e milho; a única bebida alcoólica era a chicha por eles fabricada; depois do contato com o branco aderiram ao uso da cachaça. (BECKER, 1975 p. 109)

Sabe-se que atualmente a economia da Reserva se baseia na venda de artesanato prática agrícolas para subsistência e para venda de alguns produtos. Conforme Ballivián *et al* (2013), os sistemas produtivos dos Kaingang se baseiam, sobretudo, no cultivo de milho, feijão, moranga, mandioca e batata-doce, bem como na criação de animais de pequeno porte.

Os cultivos de milho e feijão são os de maior importância comercial. Entretanto, os kaingang vêm encontrando crescentes dificuldades para subsistir em função da

---

<sup>9</sup> Atribuição dada pelos portugueses aos índios por cortarem o cabelo em forma de coroa.

pressão exercida pelas monoculturas da soja, trigo e milho comercial – que, aliás, historicamente, estiveram presentes no território indígena por meio do arrendamento realizado por não-índios. (BALLIVIÁN; VENTURA; OLIVEIRA, 2013, p. 7).

Através das entrevistas realizadas com famílias da Aldeia em estudo pode-se identificar diversas práticas agrícolas realizadas, tanto para o autoconsumo quanto para a venda. Os alimentos mais cultivados entre as famílias são a batata-doce, o milho, a mandioca e o feijão, sendo que alguns plantam soja (geralmente estes possuem maiores áreas de terras e tem maiores recursos para investir em suas lavouras), a cana-de-açúcar e o sorgo-vassoura para a confecção de vassouras. Também identificou-se o plantio de chuchu, moranga e abobrinha. As sementes algumas vezes são fornecidas pela EMATER, ou projetos desenvolvidos na aldeia e na maioria das vezes são compradas na cidade.

Os equipamentos utilizados nos cultivos na maioria das famílias são técnicas de forma manual, como enxada, foice, o arado é feito através do uso da tração de animais, dependendo do tamanho das áreas de plantio, e algumas famílias possuem trator que utilizam em conjunto com membros da mesma família.

Poucas famílias na aldeia tem bastante terra para plantar, e algumas utilizam um sistema de parceria, principalmente nos cultivos de soja e milho. Esses são sistemas de monoculturas, com uso de sementes melhoradas, adubos químicos e uso de mecanização agrícola, tanto para o plantio quanto para a colheita. Esse sistema de parceria é o resultado da dificuldade que os indígenas enfrentam com a falta de recursos e investimento para implantações nas lavouras, tendo dificuldade na concessão de créditos junto a instituições financeiras.

Os financiamentos para produção de soja são realizados pela Cotrijuí e pela Agroplanta, que fornece assistência técnica e armazena a semente, o Pronaf, não deu certo, faltou assistência técnica, a maioria não conseguiu pagar e foram pro Serasa. (Entrevistado 5).

Os indígenas não tem assessoria para o uso destas formas de produção tecnificadas, e acabam optando por esse sistema de parceria, que para muitos é a sua forma de ganhar dinheiro para sobreviver, já que não conseguem investir em suas plantações. Muitos acabam desistindo de plantar por conta própria pelas dificuldades encontradas, não tendo condições de adquirir implementos agrícolas e conseqüentemente não conseguem manter as lavouras.

As principais dificuldades encontradas pelas famílias que afetam diretamente os sistemas de cultivos são: a terra improdutiva, tendo que utilizar adubos para os sistemas de cultivos; os períodos de seca que afetam diretamente a produção; a falta de sementes para plantar (muitas vezes as sementes vem dos programas governamentais fora da época de plantio); a divisão fundiária.

As suas lavouras apresentam problemas como pragas e insetos, e os indígenas possuem dificuldades no controle dessas doenças, resultando, muitas vezes em deficiências em seus cultivos elevando ao abandono das atividades.

Tá muito difícil de plantar...a gente não tem condições, precisa ter toda aquelas máquina e implemento e nós não temos como comprar, não temos dinheiro...o milho que planto eu armazeno no galpão do patrão...Antigamente era mais fácil para plantar, a terra era boa, não precisava colocar adubo nenhum, era só largar a semente na terra e crescia...hoje tem que colocar adubo em tudo, senão não nasce....(Entrevistado 3)

A utilização das sementes crioulas utilizadas na reserva pelos índios nos mostra uma ação prestada na manutenção e no desenvolvimento da agrobiodiversidade, visando o equilíbrio do ambiente natural, garantindo a segurança alimentar dos povos e preservando a herança genética e cultural deste grupo, pois preserva sementes antigas que estão desaparecendo, fortalecendo a cultura e os hábitos tradicionais, a ainda diminuindo consumo de alimentos refinados pela indústria. Já as sementes híbridas possuem elevado potencial produtivo, porém se tornam dependentes de insumos químicos e tecnologias intensivas, muitas vezes não sendo viável aos pequenos produtores. Quanto à utilização de sementes crioulas na Reserva, percebe-se que somente algumas famílias ainda utilizam. Existe dificuldade em conseguir as sementes e a maioria comenta que quando utilizadas as plantas não crescem por que a terra não é mais tão fértil como antes, pois antigamente era utilizado com mais frequência.

Segundo Abreu *et al.* (2007), o uso das variedades crioulas, o que confere baixo custo, constitui numa alternativa para a sustentabilidade dos pequenos agricultores, o melhoramento destas variedades pode ser feito nas propriedades pelos próprios agricultores que detém alto conhecimento destes materiais crioulos.

A questão abordada por todos os entrevistados, quando comparado às práticas de cultivos de seus pais e avós, é a questão dos “venenos”, essa é principal diferença nas práticas

agrícolas, pois antes da existência de monoculturas da Reserva, segundo os entrevistados, os plantios eram mais saudáveis, não necessitavam da utilização de adubos e insumos para as plantações. Hoje em dia é mais difícil, o solo não é mais o mesmo, o solo exposto com a diminuição da floresta resultou em problemas com o crescimento das plantas, ficando mais difícil o cultivo dos alimentos.

#### 4.6 – AS POLÍTICAS PÚBLICA E PROGRAMAS DE INCENTIVO

Os povos indígenas vêm constantemente adotando novas formas associativas, formando associações indígenas locais, que lhes permite representatividade e acesso a projetos de desenvolvimento. Essas associações visam buscar recursos para investimento na comunidade. O acesso as políticas públicas dos indígenas é representado pela distribuição de cesta básica e pelo Programa Bolsa Família. Várias famílias têm estes programas como forma de sustento.

##### 4.6.1 - CESTA BÁSICA

A cesta básica faz parte de uma política pública de distribuição de alimentos, esta distribui alimentos a grupos populacionais específicos, beneficiando famílias de estado de insegurança alimentar, estando entre eles os seguintes grupos: indígenas, quilombolas, comunidades de terreiros, atingidos por barragens, acampadas e pescadores artesanais. A ação é desenvolvida pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), a distribuição é feita através de distribuição de cestas compostas por oito itens necessários pra a alimentação básica das famílias<sup>10</sup>.

Na aldeia Três Soitas, algumas famílias são beneficiadas com cesta básica de alimentos, segundo o entrevistado 1: “*a forma de distribuição é irregular*”, havendo muitas reclamações e muitas vezes algumas famílias ficam sem receber a cesta básica, também criticam da qualidade dos produtos, que muitas vezes chegam vencidos: “*A cesta básica que vem para a comunidade indígena é a base do pregão, compra lá em Brasília e daí quando chega aqui os produtos já tão vencido*”, relata o entrevistado, que sente a necessidade de desenvolvimento de projetos de incentivos as plantações, para que estes alimentos não

---

<sup>10</sup> MDS – Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/decom/distribuicaodealimentos/distribuicao-de-alimentos>>. Acesso em: 04 de agosto de 2013

venham de outros estados: *“para que trazer de fora o que podemos plantar e colher aqui na reserva, só precisamos de incentivo financeiro”*, muitas vezes os alimentos vindos da cesta básica não são consumidos, por vir de lugares mais distantes muitas vezes chegam vencidos: *“O feijão veio da Bahia, o arroz veio do Pernambuco, a farinha veio de Santa Catarina, sendo que no município temos produtos de qualidade...o leite chega vencido”*.

#### 4.6.2 - PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

A aldeia conta com o benefício do Programa Bolsa Família, onde muitas famílias vivem com essa renda, famílias estas, que não possuem um pedaço de terra para plantar, ou até mesmo possuem renda mensal muito abaixo do normal, necessitando de auxílio para sobreviver.

O Programa Bolsa Família conta com três eixos principais voltados na transferência de renda, condicionalidades e ações e programas complementares. A transferência de renda promove o alívio da pobreza, as condicionalidades reforçam o acesso a direitos sociais básicos nas áreas de educação, saúde e assistência social e os programas complementares objetivam o desenvolvimento das famílias, de modo que os beneficiários consigam superar a situação de vulnerabilidade. O Programa atende mais de 13 milhões de famílias em todo território nacional de acordo com o perfil e tipos de benefícios: o básico, o variável, o variável vinculado ao adolescente (BVJ), o variável gestante (BVG) e o variável nutriz (BVN) e o Benefício para Superação da Extrema Pobreza (BSP). Os valores dos benefícios pagos pelo PBF variam de acordo com as características de cada família, considerando a renda mensal da família por pessoa, o número de crianças e adolescentes de até 17 anos, de gestantes, nutrizes e de componentes da família<sup>11</sup>.

#### 4.6.3 - PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO

A Reserva indígena do Guarita participa constantemente de projetos de desenvolvimento, financiados pelo governo, muitas vezes em parceria com a Emater, RS Rural, entre outros. Percebe-se que existe um descontentamento quando se trata do resultado efetivo destes como nos diz o entrevistado 4: *“no papel tudo é bonito, quando é pra vir*

---

<sup>11</sup> MDS – Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 04 de agosto de 2013

*dinheiro ou semente, a gente não vê*”.A maioria dos projetos vem prontos para serem implantados na Reserva, é o que cometa o Entrevistado 3: *“antes de fazer um projeto para nós, eles precisam perguntar o que nós tamo precisando, não adianta vir com umas coisa e nós nem queremos, não vai funcionar”*. Fica evidente a necessidade desses projetos serem discutidos pela comunidade indígena, se está ou não de acordo com o interesses da comunidade.

Outro fato importante é a necessidade de desenvolvimento de projetos para geração de renda na Reserva, comenta o Entrevistado 1: *“todos os projeto começam bonitos não terminam como tão escrito no papel”*, *“por que compra produto pra cesta básica que vem de fora, se podemo produzi aqui, precisamos gera alimento pra nossa comunidade”*, estas são frases ditas durante as entrevistas, que expressam a preocupação com a situação econômica da Reserva, e nos remete a pensar em projetos de desenvolvimento que atendam aos interesses e necessidades da comunidade, e que dêem resultado.

Um problema identificado no decorrer das entrevistas é o descontentamento com a distribuição de recursos, sendo mal distribuídos, muitas famílias ficam sem recurso, o que gera preocupações com sua gestão, como relata um o Entrevistado1: *“...de hoje em diante nós temos que criar conselho administrativo, conselho fiscal e conselho gestor, não vamos dar o direito pra quem tem.”*

Essas dificuldades necessitam serem discutidas pelo governo, buscando alternativas que auxiliem o desenvolvimento das comunidades indígenas, para que elas consigam se autossustentar através de geração de alimentos, os projetos precisam ter um resultando positivo para a comunidade, vindo ao encontro com suas principais necessidades.

## 5 – CONCLUSÕES

As percepções presentes nas falas dos entrevistados mostram a importância que as práticas de cultivos possuem no dia-a-dia da aldeia Três Soitas, sendo a principal atividade econômica que sustenta a maioria das famílias. A agricultura é praticada sem o uso de tecnologias avançadas e muitos são contra as plantações de monoculturas, mas mesmo assim, a situação em que a Reserva se encontra demonstra a crescente pressão para o aumento dessas áreas, o que vem trazendo grandes prejuízos à diversidade biológica, pois com a implantação de grandes lavouras de soja, milho e trigo e o uso de intensivos químicos a contaminação dos rios, as devastações da mata vem prejudicando toda a comunidade. A maioria tem pouca área de terra disponível, e estes não conseguem plantar por falta de recursos para investimento, sendo que a fertilidade do solo, não é mais a mesma, sendo necessário adubar para plantar.

Nota-se que existe a necessidade de capacitação para auto-gestão com maior assistência técnica e o desenvolvimento de projetos inclusivos que tenham resultados concretos e que vão ao encontro das necessidades da maioria dos indígenas, bem como projetos que visem à geração de renda dentro da comunidade, para evitar que muitos índios saiam da reserva por falta de opção de trabalho, sendo que está ocorrendo cada vez mais a saída de índios da reserva em busca de melhores condições de vida. Esse fato preocupa, levando-nos a pensar que se os jovens estão saindo da reserva, quem irá ficar?

A partir do contato inicial propiciado pelo presente trabalho, apresenta-se um campo imenso para novas pesquisas, sendo de grande importância que sejam desenvolvidas pesquisas sobre as dificuldades socioeconômicas que os indígenas encontram, bem como a constante pressão exercidas pelo arrendamento na reserva. Para o próprio desenvolvimento da pesquisa, verificou-se a emergência de temas delicados, que para o adequado desenvolvimento necessita de maior tempo de pesquisa, com uma adequada inserção, pautada pela construção de alianças, para que assim se construa uma pesquisa pautada por laços de confiança e reciprocidade.

## 6 - REFERÊNCIAS

- ABREU, Lucilene de; CANSI, Edmar; JURIATTI, Cleber. Avaliação do rendimento sócio-econômico de variedades crioulas e híbridos comerciais de milho na microregião de Chapecó. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007, p. 1230-1233.
- ATHIAS, Renato. **A noção de identidade ética na antropologia brasileira: de Roquelle Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007, p. 101.
- BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelos; VENTURA, Cenilda; OLIVEIRA, Fermino Bento de. **Casa das Sementes: uma experiência indígena Kaingang**. Disponível em: <[http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/3-sementes-da-biodiversidade/in-ti-fy-si-casa-das-sementes-antigas-uma/at\\_download/article\\_pdf](http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/3-sementes-da-biodiversidade/in-ti-fy-si-casa-das-sementes-antigas-uma/at_download/article_pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- BECKER, Ítala Irene Basile. O índio kaingang do Rio Grande do Sul. **In: O índio no Rio Grande do Sul. Perspectivas. Governo do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora UNISINOS, 1975.
- CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado: pesquisa de antropologia política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3ª ed. 1978.
- CUNHA, Manuela Carneiro. **Antropologia no Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DOXSEY Jaime Roy.; RIZ Joelma de, **Metodologia da pesquisa científica**. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, Apostila, 2002-2003.
- FERRAZ, Itala. **Observações acerca da produção de pessoas e bens entre as sociedades Tupi do Sudeste do Pará** - Comunicação apresentada no seminário A presença de Galvão na Antropologia Brasileira: Belém, 1997.
- FERNANDES, Ricardo. **Dom João VI e os Kaingang: da morte ao esquecimento dos índios do sul do Brasil**. Revista Porto e Vírgula: Porto Alegre, p. 3, 1998,.
- FREITAS, Ana Elise de Castro. **Mrur Jykre – A cultura do cipó: territorialidades Kaingangs na margem leste do lago Guaíba**. 2005. 464 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- GERHARDT, Tatiana Engel; e SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação

- Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/PLAGEDER. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIANNINI, Isabelle. Vidal. Os índios e suas relações com a natureza. **In:** GRUPIONE, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.
- ISA (Instituto Socioambiental), **Terra Indígena do Guarita**. Disponível em: <[http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id\\_arp=3680](http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3680)> Acesso em 25 de fevereiro de 2013.
- LIEBGOTT, Roberto Antonio. **Os direitos humanos dos povos indígenas: os povos Guarani, Kaingang e Charrua e a contínua luta pela garantia de seus direitos**. Relatório Azul. Assembléia Legislativa, Estado do Rio Grande do Sul, 2011.
- MATTE, Dulce Claudete. **Um estudo sobre as dinâmica simbólicas, sociais e econômicas, políticas e identitárias entre os Kaingangs de Guarita – RS**. 2005. Monografia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. uí: 2005
- MENEGOLLA, Ivone Andreatta; DRACHLER, Maria de Lourdes; RODRIGUES, Inajara Haubert; SCHWINGEL, Lucio Roberto; SCANINELLO, Elaine; PEDROSO, Maisa Beltrame; LEITE, José Carlos de Carvalho. **Estado nutricional e fatores associados à estatura crianças da Terra Indígena da Guarita, Sul do Brasil**. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 395, fevereiro 2006.
- MIGUEL, Lovois de Andrade. **Dinâmica Agrícolas e Agrárias, Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente: Evolução e Diferenciação de sistemas Agrários**. *Desenvolvimento Rural e a História da Agricultura no Brasil*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/602.pdf>>. Acesso em: 16 de abril de 2013.
- NOELLI, Francisco Silva. **Os Jê do Brasil Meridional e a Antiguidade da Agricultura: Elementos da Linguística, Arqueologia e Etnografia**. *Estudos Ibero-Americanos*, v.XXII n.1. Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- PORSCH, Juliano. **Saberes da Natureza e Conhecimento Etnobotânico Indígena: O Caso da Comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita**. 2011. 64 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora da UFRGS: Três Passos, 2011.
- RIBEIRO, Darci. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes, 1977.

- ROSA, Rogerio Reus Gonçalves da. **A temporalidade kaingang na espiritualidade do combate**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação de Mestrado. (Antropologia Social) PPGAS, UFRGS, 1998.
- SILVA, Sergio Batista da. **Dualismo e cosmologia Kaingang: O Xamã e o domínio da floresta**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p 189-209, 2002,.
- SILVA, Sergio Batista da. **Sociocosmologias Indígenas no Espaço Metropolitano de Porto Alegre**. Porto Alegre. UFRGS, 2008.
- SIMONIAN, Ligia. **Visualização: Estado expropria e domina povo Guarani e Kaingang**. Ijuí: FIDENE/MADP, 1980.
- SOMPRÉ, José Urubatan. **Políticas Públicas e Sustentabilidade: Projeto RS Rural na Terra Indígena do Guarita – Setor Três Soitas**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Agronomia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2007.
- STAVENHAGEM, Rodolfo. **Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista**. Rio de Janeiro: Anuário Antropológico, n. 84, p. 11-44, 1985.
- VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional**. Dissertação de mestrado. UNICAMP: Campinas, 1994.
- 
- Agência Câmara de Notícias. **Projeto Redefine Papel da FUNAI**. 2009. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/130440.html>> Acesso em 06 de maio de 2013.

## 7 – APENDICES

### **Apêndice 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Nome:

Data:

Nº de membros da família:

Onde nasceu?

Cada índio possui a sua terra na aldeia? Existe espaço dividido entre as famílias?

Como funciona a distribuição das terras na aldeia? E como era antigamente?

Quantos hectares a família possui?

Como se caracteriza ao longo dos anos a agricultura Kaingang?

Como era antigamente? Seus pais, avós plantavam?

Quais os cultivos mais praticados no geral e aqui na aldeia?

Quais os cultivos praticados pela família?

Possui horta? Árvores Frutíferas? Sistemas de Criação?

Que técnicas de produção utilizam para os cultivos?

Que tipo de sementes? Como são comercializadas/compradas? Onde compram? De quem? São “crioulas”, melhoradas, etc?

Se produz as sementes, como é o armazenamento destas?

Utilizam adubos? químico ou orgânico?

Onde comercializam os produtos produzidos na aldeia?

Em seus cultivos possui assistência técnica?

Quais os principais dificuldades para o desenvolvimento dos cultivos existentes?

Como é a jornada de trabalho da família, como se organizam para trabalhar, como se divide o trabalho?

Produzem artesanato?

Qual a outra fonte de renda da família (aldeia)?

Quais as principais mudanças que vem percebendo na cultura Kaingang e mais especificamente, no grupo desta Aldeia, ao longo dos anos?

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: \_\_\_\_\_

RG/CPF: \_\_\_\_\_

**Este Consentimento Informado explica o Trabalho de Conclusão de Curso “Estudo das práticas de cultivo e contexto sociocultural do grupo Kaingang da aldeia Três Soitas da Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela RS” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.**

**Aceito participar do Trabalho de Conclusão de Curso “Estudo das práticas de cultivo e contexto sociocultural do grupo Kaingang da aldeia Três Soitas da Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela RS” – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, que tem como objetivo “Compreender o processo de colonização, trajetória histórica e agrícola dos índios Kaingangs da Aldeia Três Soitas da Reserva Indígena do Guarita – Tenente Portela/RS”.**

A minha participação consiste na recepção do aluno “Adriana Teresinha Owegoor Gasparetto” para a realização de entrevista.

**Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um Trabalho de Conclusão de Curso escrito pelo aluno. Para isso, (x) AUTORIZO / ( ) NÃO AUTORIZO a minha identificação (e a da propriedade para a publicação no TCC.)**

**Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.**

Assinatura \_\_\_\_\_

Tenente Portela, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2013